

POR QUE AS ESCOLAS DA NOSSA REGIÃO NÃO VALORIZAM A CULTURA INDÍGENA?

Elisangela Cavaleri Alvarenga¹, Tahiana Baroni², Sivia Brito³, Ana Enedi Prince⁴

¹ Instituto Superior de Educação- ISE -Universidade do Vale do Paraíba- UNIVAP. Rua Tertuliano Delfin Filho, 181, Jardim Aquários, Cep. 12246-080-São José dos Campos - SP. E-mail: jeoeeli@ig.com.br

² Instituto Superior de Educação- ISE -Universidade do Vale do Paraíba- UNIVAP. Rua Tertuliano Delfin Filho, 181, Jardim Aquarius, Cep. 12246-080-São José dos Campos-SP. E-mail: taybaroni@hotmail.com

³ Instituto Superior de Educação- ISE -Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP. Rua Tertuliano Delfin Filho, 181, Jardim Aquários, Cep. 12246-080-São José dos Campos- SP. E-mail: silviagouvea@gmail.com

⁴ Instituto Superior de Educação- ISE -Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP. Rua Tertuliano Delfin Filho, 181, Jardim Aquarius, Cep. 12246-080 - São José dos Campos - SP. E-mail: prince@univap.br

Resumo: O tema em questão “Por que as escolas da nossa região não valorizam a cultura Indígena?”, é relevante porque a permanência desse povo se faz presente na formação das cidades e no legado cultural deixado por eles. Os objetivos propostos foram: verificar, na literatura existente, os pressupostos dos autores que versaram sobre a cultura indígena; comprovar de que maneira é enfocada a cultura indígena em uma escola da rede pública municipal; tecer considerações relativas à cultura indígena, com o intuito de colaborar com o processo de ensino-aprendizagem no que tange à conscientização discente e docente, da importância da cultura indígena no Vale do Paraíba. A metodologia de pesquisa se desenvolveu por meio de uma pesquisa bibliográfica e de campo, composta por um questionário, proposto aos alunos do quarto ano do ensino fundamental da rede pública municipal de São José dos Campos. Foram também realizadas entrevistas com uma professora desse segmento educacional e com a coordenadora da escola, objeto da pesquisa. A coleta e a interpretação dos dados sinalizaram para o fato de que a cultura indígena não é valorizada, no contexto escolar pesquisado.

Palavras-chave: Identidade Cultural, Valorização, Vale do Paraíba, Legado Cultural, Indígenas.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução:

Os povos indígenas despertam todas as fantasias possíveis e imagináveis: são vistos com romantismo, receios infundados, exotismo, folclore, porém, pouquíssimas vezes como seres humanos capazes de realizar, de escolher livremente, de tecer a sua vida, de fazer a sua história e, principalmente, até de errar (REIS, 1988).

Na época da chegada dos portugueses ao Brasil havia cerca de 5 milhões de índios, divididos em tribos de acordo com o tronco lingüístico: os tupi-guaranis (no litoral), os macro-jê ou tapuias (planalto central) e os aruaques e caraíbas (na região amazônica). Durante os primeiros anos de convivência, os índios eram considerados como “parceiros comerciais”, visto que os portugueses estavam interessados na comercialização do pau-brasil. Depois, devido à necessidade mão-de-obra para a extração do pau-brasil, os portugueses praticaram o escambo, isto é, davam aos índios várias bugigangas e, em troca, os índios extraíam a madeira, que era armazenada em feitorias, até ser embarcada para a Europa.

Os padres jesuítas ao chegarem ao Brasil aprenderam a língua tupi para se relacionarem com os índios, o que descaracterizou a identidade cultural dos nativos, tornando-os presas fáceis para os interesses dos missionários.

No que se refere à organização social, entre os indígenas não havia classes sociais distintas, todos recebiam o mesmo tratamento. O trabalho era realizado por toda a comunidade, a divisão existente ocorria por sexo e idade. As mulheres se responsabilizavam pela comida, crianças, colheita e plantio e os homens pela caça, pesca e guerra. Nessa sociedade as duas figuras consideradas mais importantes era o pajé, considerado o sacerdote e o cacique é o chefe da tribo.

No que se refere à religião cada nação indígena possuía crenças e rituais religiosos diferenciados. Contudo, todas as tribos acreditavam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados. Os rituais, as cerimônias e as festas eram realizados para os deuses e espíritos.

Algumas tribos enterravam seus mortos em grandes vasos de cerâmica, onde além do cadáver, ficavam todos os objetos pessoais, dando a conotação de que essas tribos acreditavam na vida após a morte.

O litoral da região Sudeste era habitado pelos tupinambás que eram canibais, entretanto, a antropofagia era praticada em rituais simbólicos, porque acreditavam que comendo a carne humana do inimigo, toda a sabedoria, valentia e conhecimentos seriam incorporados, ou seja, não comiam carne de pessoas fracas ou covardes (REIS, 1988; TOLEDO, 1998).

A realidade do índio no Brasil é bastante desalentadora. Hoje restaram apenas 350 mil índios, que vivem em reservas demarcadas e protegidas pelo governo. São cerca de 200 etnias indígenas e 170 línguas. Os índios se modernizaram e o contato com o branco fez com que perdessem sua identidade cultural. A diversidade das sociedades indígenas – cada uma sendo uma síntese original de sociabilidade e de uso dos recursos naturais – é o patrimônio essencial do Brasil. E os contrastes entre a simplicidade das tecnologias e a riqueza dos universos culturais merecem toda a atenção (TOLEDO, 1998).

No ano de 1532, os jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega fundaram o povoado de São Paulo de Piratininga, dando início à exploração da terra e a busca da evangelização dos índios. Em 1560 foi promovida a vila, e vivia da agricultura de subsistência, os índios eram escravizados, o plantio da cana-de-açúcar não foi bem sucedido, eles procuravam ouro e metais preciosos. Em seguida começaram as “Bandeiras” – expedições organizadas para capturar os índios e procurar ouro e metais.

A população valeparaibana, assim como a brasileira apresenta o resultado da miscigenação entre diversas etnias. Vários povos se estabeleceram na região e conseguiram o domínio do território da população primitiva e, junto com os missionários, estabeleceram o catolicismo e a descobertas das cobiçadas minas de ouro, iniciando, assim, a colonização portuguesa na região (REIS, 1988).

Durante a colonização brasileira os índios foram os mais sofridos: escravizados, mortos e infectados pelas doenças, tiveram sua cultura, religião e costumes esmagados.

A imposição cultural dos portugueses aos índios está bem ilustrada na poesia de Oswald de Andrade:

“Quando o português chegou,
Debaixo de uma bruta chuva,
Ele vestiu o índio,
Que pena!
Fosse uma manhã de sol,
O índio teria despido o português!”

A região valeparaibana foi uma das primeiras interioranas do Brasil a sofrer a invasão estrangeira e a caça do aborígene. No início do século XVI, Mém de Sá, esteve na região explorando o sertão paulista e depois os jesuítas liderados pelo padre Anchieta, fundando missões para conversão dos gentios à sua fé e cultura.

Muitas cidades do vale do Paraíba nasceram de aldeamentos indígenas, como por exemplo: São José dos Campos, Taubaté, Queluz, e muitas outras. Nesses cinco séculos, as nações indígenas Puris, Tupinambás, Guaranis e Aratus, presentes no Vale do Paraíba, praticamente foram dizimadas. Poucas aldeias permanecem no Litoral Norte: São Sebastião e Ubatuba, sobrevivendo à extinção.

A presença indígena no Vale do Paraíba não se restringe aos rios, cidades, bairros, animais, peixes, árvores, aves e frutas, mas se faz presente na culinária, no artesanato, nos mitos e credences, na medicina natural, na linguagem, nos usos e costumes da gente valeparaibana, como tomar banho de rio, comer içá, queimar a terra para plantar, andar descalço, pitar em cachimbos de barro, assar ou cozinhar alimentos em folha de bananeira, estórias de bichos, e nas casas de pau-a-pique e sapé (REIS, 1988). Os nomes de algumas cidades valeparaibanas têm sua origem à cultura indígena, tais como: Pindamonhangaba, Arapeí, Paraibuna, Jacareí, Guaratinguetá, etc.

Todo esse rico legado cultural deixado pelos indígenas, deveria ser transmitida aos alunos de uma maneira contextualizada, visando conscientizá-los da riqueza da cultura indígena.

Ao realizarmos estágios em salas de ensino fundamental do ciclo I, verificamos que a cultura indígena não é enfocada em sala de aula.

Materiais e Métodos:

Para constatação do problema levantado, foi desenvolvida pesquisa bibliográfica que possibilitou a construção do embasamento teórico e posterior trabalho de campo.

O trabalho de campo teve início com uma visita à escola da rede municipal de São José dos Campos. Foi aplicado um questionário com quatro perguntas abertas aos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental.

Foi proposto, ainda, um questionário à Orientadora Pedagógica e a uma das professoras que ministra aulas em um das quartas séries.

Procurando valorizar o tempo disponibilizado para o estudo de campo, foi feita uma visita às instalações da escola, onde foram fotografados alguns trabalhos expostos de outras disciplinas e, em seguida, fomos apresentados aos alunos da 4ª série dessa professora.

Os dados foram coletados por meio de questionários, entrevistas informais com a orientadora e a professora da 4ª série, posteriormente foram confrontadas as respostas com a hipótese e, assim foi possível concluir o trabalho.

Resultados e Discussão:

Constatou-se que na quarta série, nessa escola, existe uma relação de conteúdo a ser desenvolvido, muito extenso e, por isso, não é feito um aprofundamento de temas indígenas e, sendo assim, tais temas somente são trabalhados por ocasião das comemorações relativas ao descobrimento do Brasil, ou quando o tema é tratado pelos meios de comunicação (notícias atuais).

Participaram da pesquisa 18 alunos, sendo 9 meninos e 9 meninas.

Entre as atividades propostas a que teve o maior número de adeptos, foi a cruzadinha, em segundo lugar ficou o caça-palavras e em terceiro a lenda. Somente 1 aluno não gostou de uma atividade proposta (caça-palavras) e registrou seu descontentamento em realizá-la.

Nessas atividades enfocamos algumas questões relativas ao modo de vida dos indígenas, visando avaliar os conhecimentos adquiridos. Analisando as respostas dadas pelos alunos utilizando metodologias diferenciadas, pudemos constatar que o conteúdo é trabalhado de maneira superficial e que não ocorre a contextualização dos conteúdos com o cotidiano do aluno.

Conclusão

No contexto apresentado pode-se notar que os temas voltados à cultura indígena, à sua contribuição à nossa sociedade não são abordados na escola. Não ocorre a conscientização dos alunos em relação à importância do índio, como surgiram, porque foram dizimados, apesar deles serem os donos dessa terra. A professora da sala pesquisada fez um comentário infeliz, “os alunos desconhecem qualquer menção sobre os índios” como se a cultura indígena não tivesse significado algum para a nossa vida.

Observou-se, da mesma maneira, que a escola não tem nenhum planejamento voltado à cultura indígena. Nem ao menos, na data comemorativa ao Dia do Índio são feitas considerações sobre sua cultura. Somente na 4ª série, quando se inicia o estudo da formação histórica do Brasil o tema é mencionado, sem que ocorra a sistematização dos conhecimentos.

Portanto, existe a necessidade de difundir e criar meios para a conscientização dos

discentes, desses futuros adultos ativos, para que eles construam conhecimentos baseando-se no passado para que o futuro possa ser melhor, para que possam respeitar e valorizar os nossos índios, e saibam o real significado dos índios na nossa história. Para que isso se efetive na prática é necessário conscientizar o professor para que a cultura indígena seja trabalhada em sala de aula de forma lúdica, contextualizada, para que o processo ensino aprendizagem seja uma realidade.

Referências

REIS, Paulo Pereira dos. Indígenas no Vale do Paraíba. Caçapava: Ed. Fundação Nacional de Tropeirismo, 1988.

TOLEDO, Francisco Soderó. Em busca das Raízes. Aparecida: Santuário, 1998.

Web

www.valedoparaiba.com
www.regiaodasagulhasnegras.com.br
www.funai.gov.br
www.ubatuba.sp.gov.br